

EMANCIPAÇÃO SOCIAL: UM ESTUDO SOBRE AS BATALHAS DE RAP

Fernanda B. Santi¹, José Raimundo E. Costa²

1. Estudante de Psicologia da Universidade Paulista (UNIP)

2. Professor da Universidade Paulista – Instituto de Ciências Humanas/Orientador

Resumo

O presente estudo investigou o potencial emancipatório das “batalhas de rap” (*rhythm and poetry*), com o objetivo de compreender se estes movimentos populares podem contribuir para a libertação histórica ao propiciarem reflexão crítica sobre temas e afecções cotidianas, facilitando processos de desideologização. Realizada *in loco*, a pesquisa buscou as representações sociais sobre os temas “escola”, “trabalho” e “dinheiro” dos melhores classificados na competição. A análise dos dados, de ordem qualitativa, consiste em classificar as produções dos *rappers* entre conteúdo crítico (questionador do *status quo*) ou alienado (submisso às condições sociais). Os resultados indicam que os participantes possuem posturas de oposição e contestação frente aos mecanismos de manutenção da ordem social, bem como uma visão crítica capaz de desvelar ideologias e a dialética da inclusão–exclusão, a qual pode contribuir com a construção de uma postura questionadora e emancipatória do *status quo*.

Autorização legal: CAAE nº 73331517.7.0000.5512.

Palavras-chave: Psicologia Social; Movimentos Sociais; Representação Social.

Trabalho selecionado para a JNIC: UNIP – Vice-Reitoria de Pós Graduação e Pesquisa.

Introdução

É fundamental que as pessoas assumam lugar ativo na sociedade, pois se muitos adotam uma postura passiva, corre-se o risco de que alguns poucos acabem impondo uma ordem injusta que sempre acaba sendo prejudicial para muitos (Dallari, 1996). Essa ordem injusta é resultado de relações dialéticas baseadas na exclusão e na dominação dos indivíduos na sociedade (Guareschi 1996).

Para Sawaia (2004), a transformação e potencialização de virtudes dependem do desenvolvimento de valores éticos na forma de sentimentos, desejos e necessidades. Para a autora, potência é “entendida como o direito que cada indivíduo tem de ser, de se afirmar, de se expandir” (p.111) e só a conseguimos quando nos unimos a outros, agindo por um sentimento de alegria e pensando sem submissão.

Para Vigotski, (como citado em Spink, 1994), o indivíduo é um “símbolo vivo do grupo que ele representa” (p. 123). Além disso, Vigotski (como citado em Sawaia, 2009, p. 369) acentua a importância da criatividade e da “imaginação na liberdade humana, mediada pelas emoções”. Para ele, o mais importante no estudo das emoções é a capacidade de criar significados, pois “permite a emergência da singularidade” e “possibilita uma variação infinita dos sentidos de uma afecção provocada por um mesmo fenômeno” (Sawaia, 2009, p. 369).

O *RAP* (*rhythm and poetry*) é uma forma de locução da vida cotidiana que torna possível a compreensão da história, a partir do ponto de vista das minorias. Para Oliveira (2015), os *rappers* “induzem a reflexões que podem eventualmente até direcionar ações que se proponham transformar de forma radical a ordem dominante” (p. 156), pois se constituem de “discursos críticos a valores da sociedade de mercado” (p. 159).

A função da Psicologia, para Martín Baró (como citado em Wolff, 2011, p. 115) é oferecer ao ser humano “autonomia e possibilidades reais de escolha, superando esquemas alienados de conduta”. Para tanto, Baró delineou três eixos básicos de atuação: a) recuperação da memória histórica; b) crítica à cultura estabelecida; c) potencialização das virtudes. Nesse sentido, a presente pesquisa teve como objetivo investigar se as “Batalhas de *RAP*”, um evento popular entre jovens, é capaz de contribuir com a libertação histórica, a partir da construção de uma visão crítica da sociedade, favorecendo processos de desideologização.

Metodologia

A pesquisa foi realizada com seis participantes homens, maiores de idade, esclarecidos e livremente acordados. Foram excluídos da pesquisa os *rappers* desclassificados da competição ou menores de idade.

A coleta de dados aconteceu na zona leste de São Paulo, em locais públicos onde, em determinados dias e horários, acontecem os eventos conhecidos como “batalha de conhecimento”, ou seja, competições de rimas que se pautam em temas diversos que são propostos pelo público presente. Nesses eventos, o público também é responsável pela votação e classificação dos competidores.

Os dados coletados são as composições espontâneas dos *rappers* finalistas da competição, a partir da sensibilização dos participantes acerca dos temas propostos pelos pesquisadores; são eles:

1º dia: “A Escola”;

2º dia: “O Trabalho”;

3º dia: “O Dinheiro”.

Para concretizar o trabalho de campo, visitaram-se algumas “batalhas de *rap*” que acontecem em um bairro na zona leste de São Paulo, a fim de selecionar aquelas que melhor atendessem à proposta deste estudo. Em seguida, os organizadores do evento foram contatados e esclarecidos sobre a natureza da pesquisa. No *locus* de interesse, acompanhou-se a batalha até a etapa final, sendo que aos dois *rappers* finalistas foi apresentado o Termo de Consentimento Esclarecido e, mediante a concordância e adequação aos critérios de inclusão/exclusão, foi realizada a coleta de dados, propondo um tema para a batalha e gravando a composição dos participantes. Tais etapas foram realizadas em diferentes dias do evento, sendo que cada tema corresponde a um dia.

Resultados e Discussão

Analisando os conteúdos simbólicos das composições sobre o tema "escola" é possível identificar uma postura opositora por parte dos *rappers* em relação ao sistema tradicional de ensino, isto é, ambos não se dobravam às tarefas propostas e procuravam formas de aprender por meio da vivência de seu corpo, de seus afetos e do ambiente.

O segundo participante revela um impasse entre representações sociais que permeiam a sua visão de mundo: a condição determinada da existência – que apenas nos levaria ao nosso ‘destino’ – ou a condição humana de ter de ser construtor da própria história. Estas visões de mundo podem levar a duas formas distintas de ação: aceitar de forma passiva as condições a que se está submetido ou engajar-se na potencialização de suas virtudes. Ele expressa ainda o sentimento de inadequação que era suscitado pelo modelo tradicional de ensino, que preza pela obediência, pelas normas, por padrões de comportamento, além de avaliar quem é digno de notas e prestígio e aqueles que devem ser excluídos e desvalorizados.

As formas de recompensa salarial – que é a razão pela qual os homens se submetem às condições de exploração – são colocadas em questão pelo terceiro participante ao discorrer sobre o tema "trabalho". Espinosa (como citado em Sawaia, 2009, p.366) afirma que “os homens se submetem à servidão porque são tristes, amedrontados e supersticiosos”, assim, “anulam suas potências de vida e ficam vulneráveis à tirania do outro, em quem depositam a esperança de suas felicidades”.

Ao dizer que faz *rap* tocando o coração, o *rapper* torna clara a característica afetiva e volitiva de sua ação, expressando ainda que isso é mais do que um trabalho – ou mera execução de tarefas – mas, sua vida, ou seja, aquilo que lhe dá sentido. Pode-se entender essa fala como um sentimento de felicidade pública, descrita por Sawaia (2004, p. 105) como sendo a “vitória como conquista da cidadania e da emancipação de si e do outro, e não apenas de bens materiais circunscritos”.

Quando o *rapper* aponta para a necessidade de se trilhar a estrada e percorrê-la, estamos diante de sua visão de mundo e de si mesmo: um mundo que é essencialmente construído por suas ações, em outras palavras, uma concepção histórico-materialista da realidade. Tendo em vista que os frutos do seu trabalho – suas produções, composições – são carregados de afeto, neles ele pode reconhecer-se, perceber-se, apropriar-se de suas obras e, assim, integrar a identidade, promover o autoconhecimento e a auto atualização (CHAUÍ, 2001).

O quarto participante, que rimou sobre o mesmo tema, complementa essas ideias fazendo menção à dificuldade de ascensão na sociedade brasileira, que envolve o processo de estratificação de papéis sociais – que naturaliza as relações assimétricas de poder – e a desigualdade de acesso às oportunidades, que cada vez mais nega acesso aos meios de produção, culminado na busca por vias informais e autônomas para o suprimento de necessidades materiais. (Guareschi, 1996).

O quinto participante, ao versar sobre o tema "dinheiro" conduz a uma reflexão sobre as relações de poder profundamente assimétricas em nossa sociedade, implicando na crítica às instituições que submetem a população à exploração, mencionando a dialética da exclusão. Quando parafraseia o grupo de *rap* Racionais Mcs dizendo que “Deus é uma nota de cem” (sic), faz uma crítica à sociedade de consumo e à lógica dos opressores que têm o dinheiro como a medida e o fim de todas as coisas. Segue com a crítica denunciando a relação de exclusão suscitada pela ideologia dominante, que prega o ideal da meritocracia como uma verdade, assim sendo, o fracasso dos indivíduos é justificado como falta de vontade e a caridade dos opressores para com os oprimidos é tida como um gesto de amor. Entretanto, as doações ‘generosas’ de uma instituição que visa a suprir carências da população funcionam mais como um desserviço à superação da condição de oprimidos, pois acaba mantendo os sujeitos submissos e dependentes. É assim que podemos pensar o “plano diabólico” (sic) que a Igreja Católica historicamente coloca em prática na sociedade. (FREIRE, 2001)

O sexto participante, sobre o mesmo tema, reflete sobre as possibilidades de emancipação do sistema econômico baseando-se em formas históricas de organização social, como as trocas de mercadorias, mas não o faz de maneira inocente, e, na sua análise, contrapõe com a realidade contemporânea: a densidade demográfica e a globalização que podem dificultar a efetividade do sistema. Nota-se que o participante, em sua busca por um argumento, uma ideia, uma resolução que faça suprir a carência de meios satisfatórios e legítimos para uma ordem social justa, acaba em uma contradição que conduz à explicação da falsa exclusão, da desigualdade que funda nossa sociedade. Ele conclui com a ideia de que o trabalho é necessário, mas deve supor igualdade de acesso aos direitos básicos, bem como à cultura e ao lazer.

Conclusões

O arranjo das normas de conduta que produz a organização social na qual nos inserimos não preconiza a satisfação de necessidades comuns a todos os seres humanos, pelo contrário, a classe dominante dita regras que lhe são convenientes, as quais visam ao acúmulo de bens obtido pela exploração do trabalho

dos dominados e, para tanto, pregam para toda a sociedade um encargo de produtividade e competitividade em que todos devem se encaixar, encontrar um lugar e ali permanecer.

Pela pesquisa, é possível notar que nem todos encontram um lugar nesse sistema e, vivendo na oposição entre o que é melhor para si *versus* o que a sociedade espera, têm de lidar com uma série de barreiras, enfrentar crenças, valores, representações sociais que lhes são impostas de 'fora', precisando buscar 'dentro' o sentido para suas ações.

A produção simbólica desse grupo expressa essa contradição que vivem. Pelas composições, é possível identificar que, por meio das vivências cotidianas, eles desenvolvem valores éticos por meio de sentimentos, desejos e necessidades. E, nas 'batalhas de conhecimento' – um encontro social repleto de energia e disposição – unem-se a outros em um movimento que convida a pensar e refletir sobre a vida, questionando e criticando tudo aquilo que os oprime. Esse tipo de organização favorece a potencialização de virtudes, tal como sugere Sawaia (2004). A escola, o trabalho e o dinheiro foram colocados em pauta e foram pensados, discutidos e elaborados pelos *rappers*. Não se trata de mera intelectualização ou racionalização, mas relatos carregados de afetos, porque são vividos e sentidos.

Apenas pelo fato de se inserirem na trama social, dizendo e fazendo-se ouvir, participam politicamente, dando voz às insatisfações e necessidades, promovem o pensamento crítico e o questionamento sobre a construção perversa e desigual na qual se fundam as relações sociais e que compõem a sociedade contemporânea.

O questionamento crítico e a reflexão a que essas questões são submetidas revela o caráter emancipatório do movimento. Sendo assim, os objetivos da pesquisa foram alcançados e a metodologia proposta mostrou-se adequada para a concretização do estudo.

Esse tipo de movimento comunitário representa um saber rico, e por meio da autogestão e da autonomia promove a reflexão concomitante à inserção dos indivíduos neste espaço, para ouvir, fazer-se ouvir e resgatar a memória histórica para se pensar o presente – aquilo que se é e como se vive. Além de um debate crítico sobre a ordem social vigente, potencializa as virtudes fortalecendo os laços e o sentido comunitário. Tais práticas são as estratégias fundamentais da Psicologia da Libertação proferida por Martín Baró (2011), o que corrobora com a hipótese de que o movimento é capaz de contribuir para a emancipação social dos indivíduos na sociedade.

Referências

CHAUÍ, M. **O Que É Ideologia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.

DALLARI, D. A. **O Que é Participação Política**. 13ªed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

FREIRE, P. Justificativa da Pedagogia do Oprimido. In: **Pedagogia do Oprimido**, 31ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GUARESCHI, P.A. Relações Comunitárias – Relações de Dominação. In: CAMPOS, R.H.F (org.). **Psicologia Social e Comunitária: Da Solidariedade à Autonomia**. Petrópolis: Vozes, 1996. Pág. 81 a 99

MARTÍN-BARÓ, I. In: GUZZO, R. S. L; LACERDA, JÚNIOR, F. e cols. **Psicologia Social para a América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação**. 2ª ed. São Paulo: Alínea, 2011.

OLIVEIRA, R.C. **Rap e Política: percepções da vida social brasileira**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

SAWAIA, B. B. **As Artimanhas da Exclusão**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SAWAIA, B. B. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 364-372, Dec. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010271822009000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 18 Maio 2018.

SPINK, M. J. P. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, P. & JOVCHELOVITCH, S. orgs. **Textos em representações sociais**. Petrópolis, Vozes, 1994.